ENTRE CÁLCULOS E ESQUECIMENTOS: AS MULHERES NO LIVRO *MATEMÁTICA POR TODA PARTE* NO ENSINO MÉDIO

Kátia Rosane Santos Pereira[1]
Ana Paula Perovano (orientadora)[2]

GD3: Livro Didático na perspectiva da diversidade, inclusão e justiça social

Resumo

Este texto analisa os lugares das mulheres no livro didático *Matemática Por Toda Parte*, do 3º ano do Ensino Médio. No caso desta pesquisa, decidiu-se trabalhar com o livro didático de Matemática, pela centralidade exercida por essa disciplina nos currículos escolares. A questão que conduziu a investigação é: como o livro *Matemática Por Toda Parte* aborda as mulheres e quais são os lugares ocupados por elas? Para responder às perguntas, o objetivo principal foi analisar os tipos de abordagens sobre as mulheres, apresentadas no livro didático, e identificar os lugares ocupados por elas nas narrativas escritas, imagens e atividades. O desenho metodológico ancora-se na abordagem qualitativa e na pesquisa documental, tomando o livro didático de Matemática como fonte de produção dos dados. Para sua análise, recorreu-se à técnica de análise de conteúdo. Como principais resultados observou-se que o livro reproduz desigualdades e estereótipos de gênero, as mulheres são frequentemente associadas a papéis sociais mais restritos, exercendo atividades cotidianas como consumo e cuidado, além de estarem ausentes da história da matemática.

Palavras-chave: Mulheres. Livro Didático. Matemática.

1 Introdução

Durante muito tempo, as mulheres foram associadas predominantemente ao espaço doméstico e às funções relacionadas ao cuidado da casa e da família. Embora se reconheça que elas tenham desempenhado diversos papéis ao longo da história, inclusive em espaços públicos, suas trajetórias frequentemente foram invisibilizadas nos registros históricos. Segundo Michelle Perrot (2017), a escassez de vestígios, fontes e documentos, contribuiu para o apagamento das ações femininas nas narrativas históricas, resultando em uma história tradicionalmente escrita sob uma perspectiva masculina.

Esse apagamento reverberou nos processos educacionais, especialmente nos conteúdos ensinados nas escolas, que por muito tempo privilegiaram personagens, feitos e experiências masculinas em detrimento da feminina. Nesse contexto, os livros didáticos também contribuíram nessa perspectiva androcêntrica, reproduzindo silenciamentos e desigualdades relacionados às mulheres e aos seus lugares na sociedade

[1] Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutoranda. Vitória da Conquista, BA, Brasil .239828190@uesb.edu.br . ORCID 0009-0000-1377-5954
[2] Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)• Doutora• Vitória da Conquista, BA, Brasil • aperovano@uesb.edu.br • ORCID 0000-0002-0893-8082

Entretanto, a partir do fortalecimento dos movimentos feministas, como por exemplo, a segunda onda feminista, ocorrido entre as décadas de 1960 e 1970 e o movimento feminista negro, diferentes áreas do conhecimento passaram a questionar a ausência das mulheres nas narrativas históricas, científicas e educacionais. Essas discussões favoreceram o desenvolvimento de pesquisas voltadas à visibilidade das trajetórias femininas e à problematização das desigualdades de gênero presentes nos currículos, livros didáticos e práticas escolares.

Apesar desses avanços, a presença das mulheres nos documentos curriculares e nos livros didáticos ainda ocorre, em muitos casos, de maneira reduzida, estereotipada ou secundarizada. Como exemplo, Pereira (2022, p. 86) informa que "a maior parte dos livros analisados, enfatizam a doença de D. Maria I, vista como loucura, como uma das características marcantes dela e do seu governo, [...]". Tal cenário torna-se relevante quando se considera o papel exercido pelo livro didático na Educação Básica brasileira. Em diversas escolas, especialmente em contextos nos quais o acesso a outros recursos pedagógicos é limitado, o livro didático constitui uma das principais ferramentas utilizadas por professoras, professores, estudantes e famílias.

Enquanto recurso amplamente utilizado nas escolas brasileiras, o livro didático exerce papel importante tanto na mediação do conhecimento, como também na construção de valores, identidades e percepções sociais. Nesse sentido, Bittencourt (2011, p. 302) afirma que ele é um "veículo de um sistema de valores, de ideologias, de uma cultura de determinada época e de determinada sociedade". Dessa forma, esses materiais podem tanto contribuir para a valorização da participação feminina quanto reforçar invisibilizações, estereótipos e desigualdades de gênero.

No caso desta pesquisa, decidiu-se pela análise do livro didático de Matemática pela centralidade exercida por essa disciplina nos currículos escolares e nos processos de escolarização. Além disso, trata-se de uma área historicamente marcada por discursos que frequentemente associaram a produção matemática e científica ao universo masculino, contribuindo para processos de exclusão e invisibilização das mulheres nesse campo do conhecimento.

Diante desse contexto, a pesquisa busca responder à seguinte questão: como o livro didático de Matemática aborda as mulheres e quais lugares são ocupados por elas nas narrativas presentes nesse material? Para responder a esse questionamento, definiu-se como objetivo analisar os tipos de abordagens sobre as mulheres presentes no livro didático Matemática por Toda Parte, do 3º ano do Ensino Médio, bem como identificar os lugares ocupados por elas nas narrativas escritas, imagens e atividades propostas.

2 Revisão de literatura

O estudo sobre os lugares das mulheres nos livros didáticos de matemática integra o campo dos estudos de gênero e educação, partindo do entendimento de que esses materiais não são neutros, mas produzem e reproduzem valores, discursos e representações sociais. Segundo Bittencourt (2002), os livros didáticos funcionam como veículos de transmissão de valores, influenciando concepções, comportamentos e visões de mundo dos alunos e alunas. Em consonância com essa perspectiva Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2004, p. 136) esclarecem que "[…] nenhum livro didático pode ser apreendido como produto abstrato ou neutro, distanciado do contexto histórico em que existiu ou existe". Assim, compreender as representações femininas presentes nesses materiais implica reconhecer que os livros didáticos também participam da produção e manutenção de discursos sobre gênero.

Nesse contexto, diferentes perspectivas têm evidenciado processos de invisibilização, silenciamentos e sub-representação feminina em livros didáticos de Matemática. Em análise da Coleção Buriti, vigente entre os anos de 2019 a 2022, Laureano *et al*. (2023) observaram que as mulheres aparecem nos livros, predominantemente associadas ao espaço doméstico e às atividades de cuidado, desempenhando funções relacionadas à casa, aos filhos e ao marido. Segundo as autoras, tais representações contribuem para reforçar papéis de gênero historicamente construídos e socialmente naturalizados.

Além da presença reduzida, pesquisas apontam a recorrente ausência das contribuições femininas para o desenvolvimento da matemática e da ciência nos livros didáticos. De acordo com Silva (2008, 134) "[...] a ciência tem se caracterizado como masculina, ora excluindo as mulheres, ora negando os seus feitos científicos, através de discursos e métodos nada neutros". Essa exclusão também se manifesta nos conteúdos relacionados à História da Matemática, nos quais frequentemente predominam referências masculinas. Ao analisarem a coleção Multiversos da Matemática, Hora e Pereira (2024, p. 263) destacam que "a coleção selecionou

apenas figuras do sexo masculino, mencionando exclusivamente nomes masculinos [...] sugerindo que nenhuma mulher tenha contribuído ou resolvido problemas na área geométrica, conforme representado". O livro *Matemática Por Toda Parte* evidencia a ausência das mulheres na História da Matemática.

Outro aspecto relevante refere-se às representações de gênero presentes nas narrativas, imagens e atividades propostas nos livros didáticos de Matemática. Estudos mostram que esses materiais frequentemente associam mulheres a papéis secundários, enquanto os homens são apresentados em posições de protagonismo, liderança e produção científica. Menezes e Silva (2025, p. 244) destacam que "as menções a mulheres são escassas e, quando ocorrem, tendem a ser vagas ou em papéis secundários. Essa exclusão não é neutra. Ela participa ativamente da construção discursiva [...]". Para as autoras, essa exclusão não ocorre de forma neutra, mas participa ativamente da construção discursiva das relações de gênero. Assim, os livros didáticos contribuem para reforçar determinados modos de compreender os lugares sociais ocupados por homens e mulheres.

Ainda segundo Menezes e Silva (2025, p. 245), o currículo de Matemática "participa da construção e manutenção de discursos generificados [...] normalizando a figura masculina como central [...] e relegando a feminina a um lugar de invisibilidade ou passividade". Dessa forma, torna-se importante investigar não apenas a presença quantitativa das mulheres nos livros didáticos, mas também os modos como elas são representadas e os espaços que ocupam nas narrativas escolares.

A linguagem constitui outro aspecto relevante nas discussões sobre gênero e o livro didático de Matemática. O uso predominante do masculino genérico nos livros didáticos, contribui para a invisibilização simbólica das mulheres, reforçando a ideia da universalização do sujeito masculino nos discursos científicos e matemáticos. Em pesquisa realizada com alunas e alunos de 3°, 4° e 5° ano do Ensino Fundamental, Santos *et al*. (2023, p. 223) observaram "uma escrita que apresenta o sujeito no masculino em quase todas as vezes nas quais não se fazia uso do plural. Poderia ter sido adotada a escrita que visibiliza as mulheres em termos, como: a colega, a participante, a estudante". Segundo os autores, poderiam ter sido utilizadas expressões que visibilizassem as mulheres, como "a colega", "a participante" ou "a estudante", entretanto houve predominância do masculino como forma universal.

Sobre essa questão Guacira Louro assevera que

> [...] a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feita entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros [...] (Louro, 2014, p.71).

Assim, compreender as representações femininas nos livros didáticos de Matemática, implica também analisar como a linguagem participa da construção de discursos que naturalizam desigualdades de gênero e produzem determinados modos de compreender os papéis sociais atribuídos às mulheres.

3 Metodologia

O desenho metodológico utilizado para essa pesquisa ancora-se na abordagem qualitativa e na pesquisa documental, tomando como fonte de produção dos dados, o livro didático *Matemática Por Toda Parte*. Esse tipo de investigação, de acordo com Severino (2000) trata e analisa as informações textuais constantes no objeto de pesquisa, buscando uma compreensão crítica dos conteúdos de acordo com os objetivos traçados. O livro é organizado em sete capítulos, cujos conteúdos são: matemática financeira, poliedros, corpos redondos, análise combinatória, probabilidade, matrizes e sistemas lineares e transformações geométricas. Em alguns capítulos encontramos textos com a História da Matemática e em todos encontramos textos relacionando a Matemática a alguma outra área, além dos itens *atividades complementares* e *para refletir*.

Para a análise dos dados, recorreu-se à técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), que permite a categorização e interpretação de dados qualitativos, sendo difundida nas pesquisas da área da Educação. Nessa investigação, busca interpretar as representações das mulheres presentes nas narrativas didáticas, que permite a categorização e interpretação dos dados qualitativos. Inicialmente, na pré-análise, localizou-se o livro e realizou-se uma leitura rápida para verificar a organização dos capítulos e as temáticas trabalhadas; posteriormente, na fase de exploração do material, efetuou-se uma leitura detalhada para identificar os temas recorrentes e os tipos de abordagens realizadas sobre as mulheres. A partir da observação, leitura e análise dos dados encontrados no livro, as categorias foram definidas, a *posteriore*, tendo emergido das recorrências, dos sentidos e das regularidades identificadas no livro analisado. A organização e interpretação dos dados foram orientadas pelas evidências presentes no material empírico, possibilitando uma compreensão mais aprofundada acerca das formas de representação das mulheres no livro didático de Matemática. Assim, as categorias foram

constituídas ao longo da análise, permitindo destacar aspectos como: representações femininas e papéis de gênero no livro didático, invisibilização das mulheres na História da Matemática e linguagem e silenciamento simbólico. A partir daí, partiu-se para a interpretação dos dados.

As interpretações produzidas nesta pesquisa consideram os livros didáticos como artefatos culturais e curriculares que participam da produção de discursos sobre gênero, contribuindo para a legitimação ou problematização de determinadas representações sociais.

4. Análise e discussão dos resultados

O livro didático analisado foi Matemática Por Toda Parte, escrito por José Roberto Bonjorno, José Ruy Giovanni Júnior e Felipe Fujita, avaliado e aprovado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), utilizado no Complexo Integrado de Educação Básica, Tecnológica e Profissional de Vitória da Conquista, escolhido no segundo semestre de 2025, com vigência entre os anos 2026-2029. Para esta pesquisa, utilizou-se o volume 3, destinado a alunas e alunos do 3º ano do Ensino Médio.

A obra é escrita por homens, mas tem uma quantidade predominante de mulheres na equipe. A coordenação de edição, a preparação e revisão, a equipe de design, o setor de arte produção, a coordenação de imagens e textos, são setores liderados por mulheres. A equipe é composta por quarenta e seis pessoas, dessas, trinta e quatro são mulheres. Embora a equipe editorial seja formada por um grupo majoritariamente feminino, percebe-se que as ideias dominantes na organização do livro, tanto no que se refere ao uso de nomes, quanto na história da Matemática, são referentes ao masculino.

A análise do livro didático Matemática por Toda Parte permitiu identificar padrões recorrentes na forma como as mulheres são representadas ao longo da obra. Para fins de organização, os resultados foram estruturados a partir das categorias analíticas referenciadas anteriormente.

4.1 Representações femininas e papéis de gênero no livro didático

A análise do livro didático evidencia desigualdades nas formas de representação de homens e mulheres ao longo das narrativas, imagens e situações-problema. Embora personagens femininas estejam presentes na obra, elas aparecem, predominantemente, associadas a atividades cotidianas, funções de cuidado, consumo e organização doméstica, enquanto os homens ocupam posições vinculadas a áreas técnicas, científicas e de maior prestígio social.

Essas representações contribuem para reforçar discursos generificados, historicamente produzidos, acerca dos lugares sociais atribuídos a homens e mulheres.

No decorrer da apresentação dos textos e propostas dos exercícios, observou-se predominância de referência a nomes masculinos no livro analisado. Em 81 referências identificadas, 44 referem-se a nomes masculinos e 37 envolvem nomes femininos. Embora nesse aspecto a diferença não seja tão significativa, percebe-se um certo desequilíbrio. A exemplo, destaca-se à página 15, atividade 2, o enunciado "Edgar teve um aumento salarial de 10%[...] e à página 114, atividade 9, a expressão " A professora Cristina produziu […]. Isso reforça a ideia defendida por alguns estudos de que muitos materiais didáticos reproduzem desigualdades de gênero. Segundo Louro (2014), os espaços escolares e seus materiais não são neutros, mas sim atravessados por relações de poder que podem reforçar ou questionar hierarquias sociais. Assim, a menor visibilidade feminina no livro analisado contribui para a naturalização da associação entre Matemática e masculinidade.

Ao analisar o livro didático, percebe-se que as mulheres estão presentes. Mas, um aspecto importante a ser observado, é em quais condições essa presença acontece. No livro em questão, as mulheres aparecem frequentemente associadas a papéis sociais mais restritos, exercendo geralmente atividades cotidianas e, muitas vezes, de consumo, enquanto os homens são vinculados a contextos de maior complexidade, como investimentos e planejamento financeiro. No livro analisado, as mulheres exercem as funções de professora, dona de loja, artesã e artista plástica, enquanto aos homens são atribuídas as atividades de arquiteto, bombeiro, dono de fábrica, cientista, técnico de futebol, enfermeiro, nutricionista, autor, engenheiro de tráfego, atleta, artista plástico e professor. Essa diferenciação pode ser compreendida à luz das discussões de Scott (1986), para quem o gênero é uma categoria fundamental de análise histórica que organiza relações sociais e simbólicas.

Nesse sentido, os dados sugerem que o livro ainda reproduz uma divisão simbólica de papéis, dividindo papéis entre homens e mulheres e, atribuindo aos homens, maior protagonismo em situações que exigem raciocínio lógico e tomada de decisão. Bourdieu (Bourdieu, 2020, p. 22) nos mostra que a "divisão entre os sexos parece estar 'na ordem das coisas', como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, no estado objetivado, nas coisas [...]".

As personagens femininas, quando presentes no livro, geralmente ocupam posições secundárias nas situações apresentadas. Em muitos casos, não exercem papel central na resolução dos problemas propostos. Na obra analisada, às mulheres são atribuídas, as funções de fazer compras, fazer enfeites de natal, vestir manequim e pegar empréstimo; e aos homens são destinadas as tarefas de depositar e aplicar dinheiro, construir piscina, fabricar alimentos, organizar time, comprar carro, TV, notebook e bicicleta. Nos casos citados, quem ocupa o papel de protagonista é o homem, pois as atividades consideradas melhores são desempenhadas pelo sexo masculino, deixando as mulheres em condição de inferioridade. Segundo Bourdieu (2020), essa dinâmica pode ser interpretada como parte da reprodução simbólica da dominação masculina, que se manifesta de forma sutil nas instituições sociais.

A análise do livro evidenciou, também, a presença de estereótipos de gênero, ainda que de forma implícita. Mulheres são associadas a funções mais tradicionais como práticas de consumo cotidiano, compras, controle de gastos domésticos, planejamento de despesas familiares, além da tendência a serem representadas em funções ligadas ao ensino ou a atividades de cuidado, enquanto homens aparecem ligados à racionalidade, ao raciocínio lógico e áreas técnicas e científicas, como engenharia, tecnologia ou pesquisa. Compreende-se que esse tipo de abordagem, “reforça estereótipos e preconceitos e estimula o desenvolvimento de ideias retrógradas e, muitas vezes, até violentas, sobre elas”. (Pereira, 2022, p. 181).

Como exemplos, destacam-se um problema da página 44, em que a personagem “Fernanda precisa organizar 15 livros, um do lado do outro em uma prateleira [...]” (Bonjorno;Giovani Jr.; Fugita, 2024, p.44) e um texto da página 230 mostrando que “Os engenheiros de tráfego fizeram um modelo para descobrir quantos carros passam por hora [...]” (Bonjorno;Giovani Jr.; Fugita, 2024, p.230). Os exemplos destacados, ainda que apresentem as situações de forma naturalizada, evidenciam como esse material didático pode contribuir para a reprodução de papéis de gênero tradicionais, deixando claras as funções que podem ser exercidas por mulheres e homens.

4.2 Invisibilização feminina na História da Matemática

No livro didático Matemática por Toda Parte, volume 3, observa-se que quatro dos cinco capítulos analisados apresentam uma seção intitulada História da Matemática, composta, em geral, por breves textos destinados à contextualização dos conteúdos matemáticos. Entretanto, nessas seções, a participação das mulheres na construção histórica da Matemática permanece

praticamente invisível. As narrativas concentram-se em personagens masculinos, reproduzindo uma perspectiva historiográfica que privilegia homens como protagonistas da produção científica. Esse resultado aproxima-se das discussões de Silva (2008), que argumenta que a história da Matemática tem sido tradicionalmente narrada como uma produção exclusivamente masculina, contribuindo para a perpetuação da invisibilidade das mulheres cientistas.

No primeiro capítulo, a ênfase é dada a Luca Pacioli, precursor dos processos contábeis, no segundo, Leonhard Euler ganha destaque ao tratar do conteúdo relação de Euler; no terceiro quem aparece em destaque é Arquimedes, ao falar da esfera e do cilindro; e no quinto Jerônimo Cardano é evidenciado ao abordar a teoria da probabilidade. Embora essas referências sejam historicamente relevantes, a ausência de mulheres matemáticas produz uma narrativa parcial da história da disciplina, limitando a compreensão da diversidade de sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento matemático.

No livro analisado, às seções dedicadas à História da Matemática não apresentam referências a mulheres matemáticas. A narrativa histórica assume um caráter predominantemente tradicional, sendo utilizada como elemento de contextualização dos conteúdos, privilegiando uma perspectiva eurocêntrica e androcêntrica. Tal configuração dialoga com a análise de Silva (2008) para quem a Matemática foi historicamente constituída como uma ciência marcada por relações de poder que privilegiaram sujeitos masculinos, brancos e ocidentais, legitimando determinados conhecimentos e silenciando outros. Nesse contexto, a ausência de mulheres nas narrativas históricas não constitui apenas uma lacuna de representação, mas também contribui para a manutenção de uma compreensão da Matemática como um campo predominantemente masculino.

Nessa direção, Silva (2008) argumenta que a própria institucionalização da ciência ocorreu em estruturas historicamente organizadas em torno da participação masculina, o que favoreceu a invisibilização das contribuições das mulheres para o desenvolvimento científico. Assim, a ausência de matemáticas nas seções analisadas limita as possibilidades de que estudantes reconheçam a produção do conhecimento matemático como resultado da atuação de diferentes sujeitos e grupos sociais, reforçando uma visão parcial da história da disciplina.

Ainda segundo Silva (2008, p. 136) "esta performance denuncia que a ciência se constituiu como uma atividade eminentemente masculina, dirigida e financiada por instituições que servem como aparelhos de manutenção da ordem estabelecida". Essa ausência reforça a

ideia de que a Matemática é um campo masculino. Diante desse cenário, torna-se importante que professoras e professores problematizem as narrativas históricas apresentadas pelos livros didáticos, evidenciando que a produção do conhecimento matemático também contou com contribuições significativas de mulheres. Essa discussão permite compreender que a reduzida presença feminina na história da Matemática não decorre da ausência de participação das mulheres, mas de processos históricos de exclusão dos espaços de formação, pesquisa e reconhecimento científico, que contribuíram para invisibilizar suas contribuições.

Dos sete capítulos do livro didático em questão, encontramos imagens referentes a mulheres em quatro deles. No primeiro, na página 35, uma imagem é apresentada com um casal utilizando um noteboock e uma legenda fazendo referência a planejamento familiar. Embora não fique explícito, a imagem sugere que a mulher esteja realizando o planejamento financeiro da sua família, o que geralmente é um papel destinado às mulheres nos livros de Matemática.

Figura 1- Planejamento financeiro



Fonte - – (Bonjorno et al., 2024, p. 35).

Outra imagem é exibida na página 40 com um casal, uma planilha na mão da mulher e uma calculadora com o homem, sugerindo que o homem está fazendo cálculos matemáticos. A ausência de explicações ou contextualizações para as imagens femininas, sugere um uso predominantemente ilustrativo dessas personagens, diferentemente das imagens masculinas, frequentemente associadas a funções técnicas ou especializadas. Tal assimetria contribui para a construção simbólica de diferentes lugares sociais atribuídos a homens e mulheres no material didático. De acordo com Burke (2004, p. 38) “ imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras”. Isso fica evidenciado em algumas imagens usadas no decorrer dos capítulos.

Figura 2- Situações envolvendo empréstimos



Fonte – (Bonjorno et al., 2024, p. 40).

Na página 95, capítulo 3, uma imagem é exibida com um bombeiro sozinho conectando uma mangueira ao caminhão. Nessa imagem, em que um homem aparece desempenhando uma função técnica, há uma referência ao papel desenvolvido por ele. Infere-se que é dada maior importância a esse tipo de atividade, principalmente quando realizada por homem. Nesse caso, a imagem reforça a supervalorização do masculino e de suas ações no livro didático em questão.

Figura 3- Bombeiro conecta mangueira ao caminhão



Fonte – (Bonjorno et al., 2024, p. 12).

Na página 286, no capítulo 07, encontramos uma imagem da artista sul-africana Esther Mahlangu, ao lado da sua biografia. O texto escrito apresenta a mulher como uma guardiã da cultura ndebele e a imagem, mesmo fazendo referência à mulher, aparece como uma ilustração.

Figura 4 – Artista visual sul –africana Esther Mahlangu - Fotografia de 2024



Fonte – (Bonjorno et al., 2024, p. 286).

No geral, percebe-se um silenciamento operando de maneira simbólica nas imagens exibidas. Geralmente, quando as mulheres aparecem são relacionadas a contextos domésticos. Quando os homens aparecem, principalmente sozinhos, é ocupando espaços de maior prestígio intelectual, técnico ou científico, é o caso da imagem da página 95. Essa abordagem, feita de forma desigual no livro de Matemática, dificulta a identificação de estudantes com trajetórias femininas na área, reforça desigualdades históricas e limita a construção de uma educação matemática mais inclusiva.

4.3 Linguagem, discurso e masculino genérico

No livro didático *Matemática Por Toda*, volume 3, observa-se o uso predominante do masculino genérico tanto nas narrativas quanto nas atividades propostas. Logo na abertura do livro, os autores utilizam o termo *caro estudante*, mais adiante eles informam que buscam o desenvolvimento de um cidadão crítico. Em ambos os casos, a linguagem poderia contemplar explicitamente estudantes de ambos os gêneros, por exemplo, por meio das expressões *cara e caro estudante* ou *uma cidadã e um cidadão críticos*. Ao longo dos capítulos analisados, identificou-se o emprego de formas masculinas em 62 ocorrências, além de diversos casos em que o uso do plural masculino acaba por ocultar o feminino.

E por que não utilizar *cara estudante*, *uma cidadã crítica*, *caro e cara estudante*, *um cidadão e uma cidadã*? No desenrolar das narrativas e atividades encontra-se o uso do masculino 62 vezes, além de outras em que o feminino é suprimido pelo uso do plural. Na página 200, situa-se uma atividade com a seguinte pergunta: *qual é a probabilidade de um casal ter quatro filhos, todos do sexo feminino*? Se são do sexo feminino, por que não serem diretos e dizer quatro filhas? Vê-se que até quando precisa referir ao feminino, é precedido do masculino. O uso genérico do masculino é uma forma de silenciar as mulheres. O predomínio da linguagem masculina nos livros didáticos contribui para a manutenção de processos de invisibilização das mulheres, perpetuando uma visão da Matemática historicamente associada ao universo masculino (Santos *et al.*, 2023). Também, localiza-se no livro analisado o uso do plural no masculino por diversas vezes.

Um exemplo ocorre na página 200, em uma atividade que pergunta: *"Qual é a probabilidade de um casal ter quatro filhos, todos do sexo feminino?"*. Embora a questão se

refira exclusivamente a crianças do sexo feminino, a opção pela palavra *filhos*, em vez de *filhas*, evidencia a recorrência do masculino como forma genérica, mesmo quando o referente é integralmente feminino. Conforme discutem Santos et al. (2023), o predomínio da linguagem masculina nos livros didáticos contribui para a invisibilização das mulheres e para a manutenção de uma visão da Matemática historicamente associada ao universo masculino. Da mesma forma, o emprego recorrente do plural masculino ao longo da obra reforça essa lógica de neutralização do feminino.

De modo geral, as categorias analisadas evidenciam que as representações femininas no livro didático ocorrem de maneira desigual e frequentemente subordinada a posições secundárias, tanto nas narrativas escritas quanto nas imagens e contextos matemáticos mobilizados. A predominância masculina na História da Matemática, o uso recorrente do masculino genérico e a associação das mulheres a atividades de cuidado, consumo e organização doméstica indicam a permanência de discursos generificados que contribuem para naturalizar determinadas divisões simbólicas entre homens e mulheres no ensino de Matemática.

5 Considerações Finais

A história nos mostra como foi a luta das mulheres para alcançar as conquistas atuais. Do espaço doméstico para a ocupação de espaços na vida pública foi uma longa trajetória. A falta de fontes sobre as mulheres e, escritas pelas mulheres, refletiu na história que privilegiou o masculino em detrimento do feminino. Devido às influências dos movimentos feministas, o papel das mulheres foi ressignificado e a escrita da história também. Esse movimento reverberou para o âmbito educacional possibilitando maior visibilidade ao feminino.

Apesar dos avanços, percebe-se que na Educação Básica, principalmente nos livros didáticos, o feminino continua com o espaço reduzido o que se manifesta na escrita que privilegia o masculino, colocando-o numa situação de centralidade, e deixando as mulheres em segundo plano, isso quando ela aparece. No livro didático analisado nesse estudo, as mulheres estão presentes, mas não no mesmo grau de igualdade em que os homens aparecem, tanto na quantidade como no tipo de abordagem. Em comparação com os papéis desempenhados pelos homens, nesse material didático, as mulheres são, majoritariamente, representadas ocupando espaços mais simples, que não exigem muita especialização e que não são muito valorizados.

Assim, faz-se necessário que esse seja um material que aborde as mulheres com a mesma complexidade que se refere aos homens, evitando a reprodução da desigualdade de gênero e possibilitando que alunas também sejam representadas e se vejam no livro estudado. Cabe a professoras e professores atentarem-se a essa questão presente nos livros didáticos e mostrar a alunas e alunos que a matemática também foi concebida por mulheres, mas que devido ao fato de, nos primórdios, a ciência ter sido desenvolvida por homens que tinham permissão para estudar nas universidades, as mulheres ficaram mais distantes pelo fato de a elas ser reservado apenas os espaços domésticos, o que retardou a participação delas no desenvolvimento da ciência e outras atividades intelectuais.

Diante do exposto, compreende-se que o livro didático *Matemática Por Toda Parte* reproduz estereótipos de gênero, aborda as mulheres, mas não concede a elas o mesmo espaço que dá aos homens. Entende-se ser necessária uma revisão nesse material didático para que as mulheres sejam melhor representadas e para que as alunas também sejam contempladas nas atividades realizadas.

Entende-se que esta pesquisa contribui para a Educação Matemática ao evidenciar que o livro didático não constitui um artefato neutro, mas pode reproduzir estereótipos de gênero por meio de representações e escolhas linguísticas que invisibilizam as mulheres. Além disso, contribui para as discussões do GD 3 ao destacar a importância da representatividade feminina na História da Matemática e do uso de uma linguagem mais inclusiva nos materiais didáticos. Como limitação, a análise restringiu-se ao volume destinado ao 3º ano do Ensino Médio, não permitindo generalizações para outras obras ou coleções. Como perspectivas de pesquisa, apontam-se estudos que investiguem a representatividade das mulheres em diferentes livros didáticos, valorizem as trajetórias de matemáticas e analisem estratégias para superar práticas discursivas sexistas na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula***.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 69-90.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História:* fundamentos e métodos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BONJORNO, José Roberto et al. *Matemática Por Toda Parte*. São Paulo: FTD, 2024.

BOURDIEU, PIERRE. *A Dominação Masculina*: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2020.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

Hora, Diana Souza da; PEREIRA, Meline Nery Melo. A Presença das Mulheres nos Livros didáticos de Matemática. *ReviSeM*, Sergipe, n. 4, p. 251-270, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/ReviSe/article/view/19445. Acesso em 03 de abril de 2026.

LAUREANO, Helena Maria de Jesus et al. A Representatividade Feminina nos Livros Didáticos de Matemática do 4º e 5º Ano do Ensino Fundamental. *Revista Foco*, v. 16, n. 5, p. 1-14, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figuras-4-Livro-Didatico-Colecao-Bem-me-Quer-Matematica_fig1_371100695. Acesso em 03 de abril de 2026.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MENEZES, Danusa Nunes de; SILVA, Marcio Antonio da. A insurreição silenciada: gênero , campo e poder nos livros didáticos de matemática. *Revista Educação Matemática Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 5, p. 233-255, 2025. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/71044/48862 Acesso em 03 de abril de 2026.

PEREIRA, Kátia Rosane Santos**.** *As Mulheres do Brasil Colonial no Livro Didático de História (2012 a 2018)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2017.

SANTOS, Nadir Fernandes dos et al. O livro didático de matemática do Ensino Fundamental I e a ausência da flexão de gênero substantivada. *Boletim Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GEPEM)*, Rio de Janeiro, n. 83, p. 215-238, 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SCOTT, Joan W**.** *Gender: a useful category of historical analysis*. The American Historical Review, v. 91, n. 5, p. 1053–1075, 1986.

SILVA, E. R. A (in) visibilidade das mulheres no campo científico. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 30, p. 133-148, 2008. Disponível em: https://fe old.fe.unicamp.br/pffe/publicacao/5147/art09_30.pdf. Acesso em 02 de abril de 2026.